

A noite vira palco e refúgio dos roqueiros

Os palcos dos bares de Brasília estão tomados por jovens músicos egressos de bandas de rock que não deram certo. O repertório da noite reflete o gosto desses artistas

Irlam Rocha Lima

O que há de comum entre Marquinho, 17 anos, paulista; Júlio Fernandes, 19 anos, brasileiro; Kátia, 23 anos, brasileiro; Régis, 24 anos, gaúcho; e Fred Brasileiro, 34 anos, paranaense?

Músicos e cantores, eles vêm de bandas de rock que não deram certo. Mais que isso, buscam desenvolver uma carreira solo e passam, atualmente pelo estágio que vai lhes possibilitar levar adiante seus projetos. Eles cantam na noite.

Informais, despojados, sintonizados com os novos tempos, esses jovens artistas em nada se parecem com os tradicionais cantores que o brasileiro se acostumou a ver e ouvir nos palcos de bares, boates ou outras casas noturnas da cidade. As diferenças são bem nítidas, e não apenas no visual, na maneira de se trajar.

E inimaginável, por exemplo, fazer parte do repertório desses novos cantores um bolero, um samba-canção ou algo semelhante. O máximo de concessão seria uma canção de Chico Buarque ou Milton Nascimento. Na verdade eles preferem brindar ao público que os assiste em geral, igualmente jovem, com criações de Renato Russo, Cazuza, Oswaldo Montenegro, Beto Guedes, Lobão, Marina e do guru de quase todos eles, Caetano Veloso.

MARQUINHO

Ele acredita que tem um timbre de voz parecido com o do cantor e compositor mineiro Beto Guedes. Desnecessário dizer que no repertório de Marquinho, 17 anos, paulista de Ilha Solteira, as canções do ex-integrante do Clube da Esquina tem um lugar especial. Com 11 anos de música e seis de Brasília, ele chegou à noite em 1987. A época era baixista do grupo Terceiro Ato, depois de uma rápida passagem pelo Enigma.

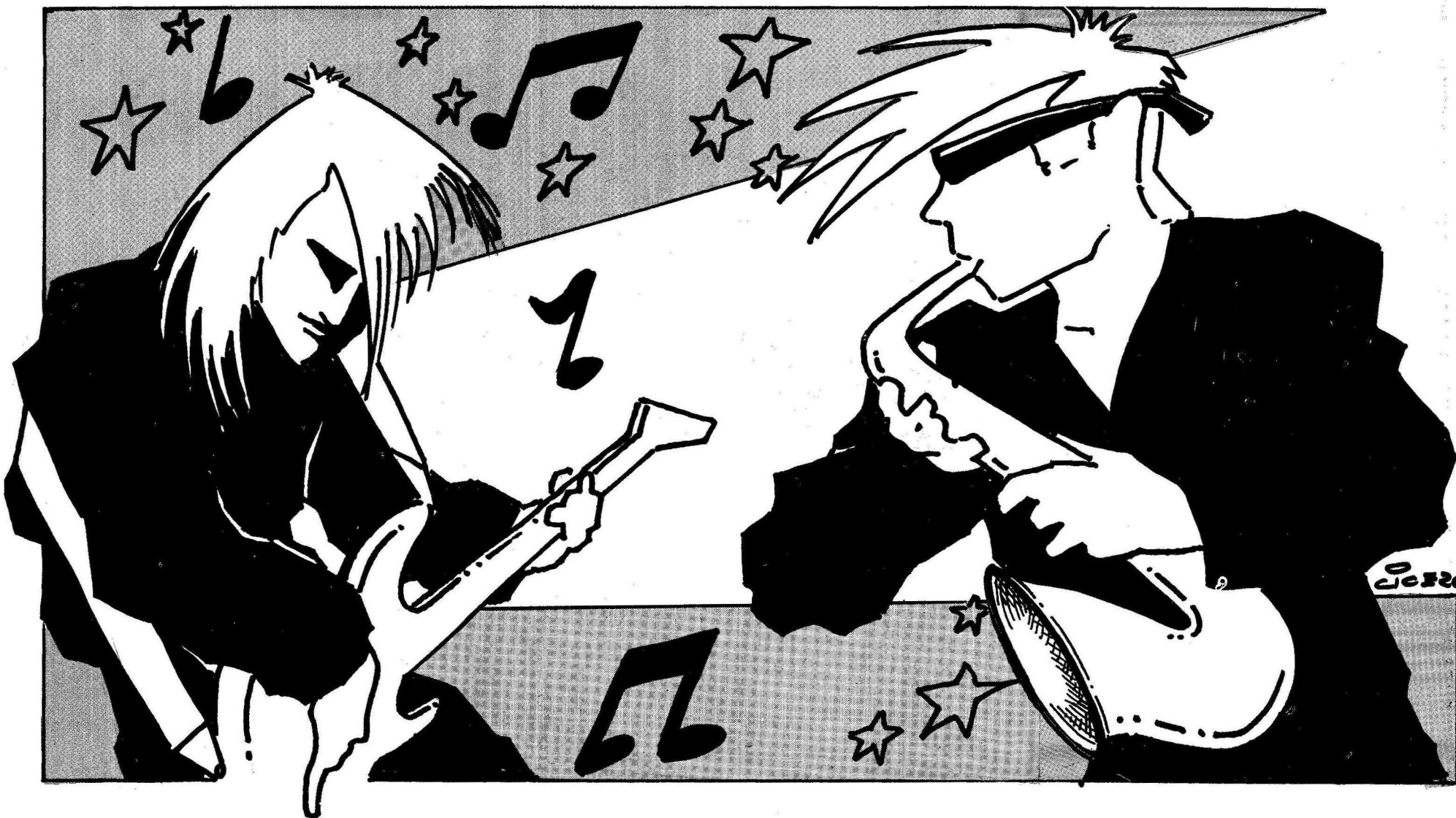
"Minha primeira banda foi a Enigma, onde fiquei pouco, saindo para formar no Terceiro Ato, grupo que integrei por um ano. Sai por divergências com outros integrantes do conjunto. A partir dali preferi optar por um trabalho individual. Como já vinha cantando no Passárgada, na 108 Norte, acabei ficando por lá mesmo. Foi um dos melhores barzinhos que já existiram na Asa Norte. Depois passei pelo Amore Mio e Otello. Hoje não tenho local fixo para me apresentar. O Baçalhau, no Centro Comercial Gilberto Salomão, é onde tenho cantado mais, ultimamente, a convite do Fred Brasileiro", conta Marquinho.

Buscando aprimorar-se, ele estuda diariamente violão, baixo e empastação de voz. Possui algumas composições, mas ainda não se animou a mostrá-las em público. "Sou muito exigente e por isso acho que tenho de trabalhar mais em cima desse material. Quero viver de música, mas para que isso aconteça, terei que me aprimorar mais".

JÚLIO FERNANDES

Com apenas quatro anos e meio de música, o brasileiro Júlio Fernandes é, entre os novos cantores da noite, um dos mais bem equipados. Além de tocar violão, guitarra e baixo, possui uma voz agradável e interpretação segura. Por isso mesmo já possui uma legião de fãs, que o acompanha pelos bares da vida. Há pouco mais de um ano na noite, Júlio participou de duas bandas de rock, a Fato Consumado e a Enigma. Compositor, com um trabalho elogiado por quem conhece, ele acaba de gravar uma fita demo, na qual registrou músicas que vem cantando nos shows de bar: *Brasília 18 Graus*, *Rastros no Deserto*, *Além do Mais*, *Atitude Normal*, *Gabriela Sabatini* (numa homenagem à tenista argentina), *Uma Mulher e Glória*.

Em breve Júlio pretende fazer um show mais bem produzido, de preferência no Teatro da Escola-Parque, onde além de suas composições, in-



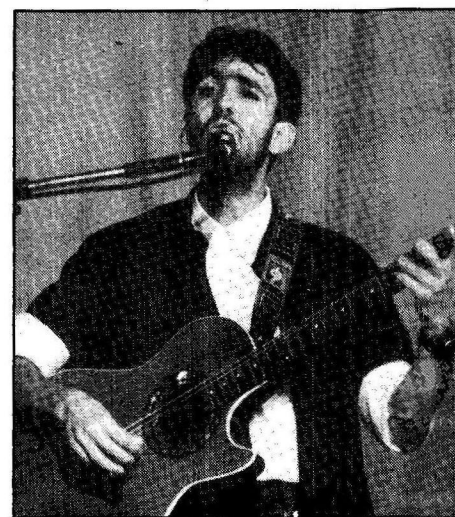
FOTOS: MILA PETRILLO



Marquinho
Tudo começou com Enigma; agora procura o aprimoramento



Júlio Fernandes
Legião de fãs pelos bares da vida e querendo ir para o Rio



Régis
Um gaúcho que canta para uma das platéias mais exigentes

terpretará, por certo, músicas de seus maiores ídolos, Lennon e McCartney, e coisas de Caetano, Cazuza e Lobão. Faz planos, também, de se mudar para o Rio de Janeiro, "onde são maiores as possibilidades de desenvolver minha carreira, pois não quero continuar cantando e tocando em bar pelo resto da vida", coloca.

RÉGIS

De segunda-feira a sábado, Régis, um gaúcho de Cachoeira do Sul, há 14 anos em Brasília, canta para uma das platéias mais exigentes da cidade, a formada por universitários. Ele

é o titular do Aspone, um misto de restaurante e cervejaria, hoje um dos mais movimentados de Brasília, que fica ali em frente ao Ceub.

Isso, porém, não chega a ser um problema para Régis, que desde os 10 anos de idade está envolvido com a música. Como todo jovem que cresceu no Distrito Federal, ele, igualmente teve sua experiência em grupo de rock. Integrou o Olhos da Noite, que deu origem à banda Nexa, liderada pelo cantor e compositor Márcio Faraco, atualmente no Rio de Janeiro. Nos Olhos da Noite ele ficou de 1981 a 1986.

Fã incondicional de artistas mineiros, como Flávio Venturini e Pauli-

nho Pedra Azul, Régis sabe todo o repertório dos dois e sempre o interpreta, juntamente com músicas de Renato Russo, Oswaldo Montenegro (outra admiração confessa) e Caetano Veloso. "Coincidentemente, as coisas que eu gosto são do gosto do público que vem aqui no Aspone e isso acaba facilitando meu trabalho. Minha próxima meta é um show na Sala Funarte. Lá poderei dar um destaque maior às minhas próprias composições, coisa que num bar nem sempre é possível", explica.

KÁTIA

O que ela quer ser mesmo é uma guitarrista famosa. Foi empunhando uma guitarra que a brasileira Kátia fez parte, durante algum tempo, da banda Pirasom, em Juiz de Fora-MG, onde morou com a família. Além de guitarra, ela toca violão e harmônica de boca, se acompanhando nas apresentações que faz, nos finais de semana, no bar Achados, na 203 Norte, desde sua inauguração, há quatro meses.

Foi em Juiz de Fora que Kátia começou a cantar na noite. De volta a Brasília andou pelo extinto Passárgada, Pedágio e Mistura Fina, outros barzinhos da Norte. Embora curta muito o rock, no Acidos seu repertório básico é MPB. Vai de Chico a Marina, passando por Caetano, Cazuza, etc.

Kátia também compõe, mas a exemplo de Marquinho, acha que ainda é muito cedo para levar sua música ao público. "Não estou suficientemente preparada para encarar uma platéia interpretando minhas próprias composições. Tenho que amadurecer mais esse trabalho, para depois levar ao público, num show de teatro, ou registrá-lo num disco".



Kátia
Sonho de ser famosa desde os tempos da banda Pirasom



Fred Brasileiro
Reformulando conceitos para se apresentar na noite

FRED BRASILIENSE

Certa feita, durante uma coletiva de Caetano Veloso no Hotel Nacional, o cantor e compositor paraense Fred Brasileiro se aproximou do artista baiano e disse: "Caetano fico todo arrepiado quando te vejo". Aquela era a maneira de Fred exprimir sua emoção diante do ídolo. Paraense, 34 anos, 22 vividos na Capital Federal, serviram para fazer de Fred um brasileiro autêntico. "Brasiliense até no nome", afirma. E decididamente Brasília exerceu enorme influência na vida desse cantor, que aqui, em 1968 dava início à sua carreira musical.

Até três anos atrás, seria totalmente improvável encontrar Fred no palco de uma casa noturna. Trabalhando como cantor, músico, ator e bailarino, sempre exibiu sua arte para platéias de teatro. Em 86, porém, ele reformulou seus conceitos e passou a atuar na noite, sem nenhum tipo de constrangimento. "Sempre tive o maior preconceito em relação a bar, a casas noturnas, como local para o músico mostrar seu trabalho. Indo ao Rio em 86, verifiquei ali que grandes nomes da MPB trabalhavam na noite, sem que, com isso, sua arte fosse maculada. A partir dali, reformulei completamente meu ponto de vista em relação a esse espaço, que se bem utilizado, é extremamente curtiel. Hoje não tenho mais nenhum pudor, nenhuma vergonha de tocar, de cantar num bar".

No momento, Fred é uma das maiores atrações da noite brasiliense. E ele o responsável pela intensa movimentação que se verifica no Baçalhau, no Centro Comercial Gilberto Salomão, onde se apresenta de quinta-feira a domingo, depois das 21 horas. Antes, havia passado pelo Passárgada e Otello, na 107/8 Norte, onde começou a formar um público cativo, que o segue por toda a parte.

Por dois anos, Fred se envolveu com bandas de rock. A mais conhecida era a Plug, que tinha como guitarrista e baterista, respectivamente, Haroldinho e Beto, ex-Mel da Terra. Mesmo sendo um fã ardoroso de Caetano, ele mostra-se um intérprete eclético. "O público de bar é muito heterogêneo e a gente tem que atender a todas as pessoas. Então do meu repertório fazem parte músicas de Cazuza, Ângela Ro Ro, Oswaldo Montenegro, Wando. De tudo um pouco, embora predominem músicas do Caetano, é claro".

Este ano, Fred pretende concretizar um sonho que acalenta já há bastante tempo, o da gravação de um disco. "Acho que estou bastante maduro para isso. Deverá ser um disco com produção independente, pois é muito difícil chegar até as grandes gravadoras. O Oswaldo Montenegro prometeu participar desse meu projeto. Ele talvez venha a ser o produtor do disco".